

Variação diatópica na flexão verbal da 1.^a pessoa plural

Diatopic Variation of the Verbal Flexion of the 1st Person Plural

PETRA SVOBODOVÁ [petra.svobodova@upol.cz]
Univerzita Palackého v Olomouci, República Checa

RESUMO

O artigo aborda o tema da variação diatópica na primeira pessoa plural do presente ou pretérito perfeito simples do indicativo nos dialetos do português europeu. Concentrando-se principalmente no fenómeno da troca da vogal temática A por E, aponta para a sua interligação com outras alterações, especialmente o fenómeno do recuo do acento. Ao descrever a distribuição geográfica deste fenómeno e as possíveis explicações da sua origem, o texto tenta justificar que pode existir alguma motivação morfológica na co-ocorrência do fenómeno da troca e o do recuo do acento, pelo que não se tratará apenas de dois fenómenos fonéticos que aparecem na mesma localidade por mera coincidência.

PALAVRAS-CHAVE

Português; variação diatópica; flexão verbal; primeira pessoa plural; pretérito perfeito simples do indicativo; presente do indicativo

ABSTRACT

The paper is dedicated to the diatopic variation of verbal flexion occurring in the first person plural of present simple or past simple tense in European Portuguese. It concentrates mainly on the phenomenon of changing the thematic vowel of the inflectional morpheme A into E and the way it is interconnected with other alternations, especially the shift of the position of the accent from the thematic vowel to the preceding syllable. Giving a brief outline of its geographical distribution and the possible explanations of its occurrence, the paper tries to justify that there might be certain morphological motivation in co-occurrence of these phenomena and that they are therefore not mere phonetic alternations whose co-occurrence in the same locality would be thoroughly accidental.

KEYWORDS

Portuguese; diatopic variation; verbal flexion; first person plural; past simple tense; present simple tense

RECEBIDO 2016-12-14; ACEITE 2017-05-28

O artigo foi publicado no âmbito do projeto do Ministério da Educação da República Checa IGA FF 2016 050 (As Literaturas e Línguas Românicas num Diálogo Transcontinental).

1. Introdução e metodologia

A variação diatópica da flexão verbal nos dialetos do português europeu é bastante complexa e é difícil avaliar a natureza dos fenómenos que nela ocorrem. Frequentemente são só fenómenos de natureza fonética que não aparecem apenas nos verbos mas também noutros contextos, ou seja, noutras classes de palavras. Porém, podemos deparar também com fenómenos cujo carácter é antes morfológico, o que significa que não são aleatórios, tendo alguma motivação interna dentro do sistema gramatical.

Devido a esta motivação interna, de vez em quando encontramos na flexão verbal até fenómenos que parecem ser complementares ou estar interligados; por outras palavras, a ocorrência dum parece incentivar a ocorrência doutro, o que leva ainda mais à pressuposição de que se trata de fenómenos verdadeiramente morfológicos, motivados pela tentativa de diversificar ou, pelo contrário, unificar o paradigma flexional.

Um bom exemplo desta complementaridade é representado pelas alterações que ocorrem na 1.ª ps. pl., principalmente nos três tempos verbais básicos – presente do indicativo, pretérito perfeito simples do indicativo e presente do conjuntivo –, porque, precisamente no caso desta pessoa verbal, que dispõe de terminações bastante parecidas nestes três tempos referidos, uma alteração que ocorra num destes três tempos, pode afetar profundamente todo o paradigma flexional e levar a uma confusão entre tempos e modos verbais. A acontecer, tal situação pode eventualmente incentivar outras alterações da 1.ª ps. pl. nos restantes tempos e modos verbais cujo objetivo será eliminar esta confusão.

Porém, a questão é se isto acontece realmente de propósito – e as alterações representam assim alterações de carácter morfológico – ou se é uma coincidência acidental de dois ou mais fenómenos de carácter predominantemente fonético.

Para demonstrar esta hipotética interligação motivada morfológicamente serve perfeitamente um fenómeno que é, a nível diatópico, considerado o mais típico da 1.ª ps. pl.: o fenómeno da troca da vogal temática A por E na desinência da 1.ª ps. pl. do presente do indicativo ou pretérito perfeito simples do indicativo nos verbos da 1.ª conjugação (quando as formas verbais do presente como FALAMOS e do pretérito perfeito simples como FALÁMOS se realizam como FALEMOS). Este fenómeno, cuja ocorrência não se limita apenas à terminação verbal, parece não estar distribuído aleatoriamente, antes pelo contrário, e assim, eventualmente, poderia justificar este pressuposto de motivação mútua entre as alterações na flexão verbal.

O trabalho tem como objetivo principal abordar o fenómeno de alteração fonética da vogal temática A para E, abrangendo vários contextos da sua ocorrência, mas pondo ênfase particular no seu papel na flexão verbal. Ao mostrar os contextos da sua aparência e comentar a sua distribuição geográfica em relação a outros fenómenos que lhe parecem estar interligados, devemos chegar à conclusão se existe alguma relevância para vê-lo como fenómeno morfológico ou, pelo menos, morfonológico ou se para a troca da vogal temática a desinência verbal representa apenas mais um contexto da sua ocorrência.

Para obtermos uma base de dados relevantes na qual possamos verificar a ocorrência e a distribuição geográfica do fenómeno e provar assim a sua coexistência com outros fenómenos, aproveitámos o *corpus* criado antes de mais à base das teses dialetais publicadas nos anos 50 e 60 do século XX. Existem 71 teses, espalhadas mais ou menos regularmente por todo

o território de Portugal continental, que prestam suficientes dados de matiz morfológico para podermos basear neles uma análise objetiva. No entanto, para complementar este *corpus* aproveitámos ainda os relatórios feitos à base dos inquéritos dialetológicos realizados nos anos 40 e 50 do século XX que foram incentivados por Manuel de Paiva Boléo com o objetivo de reclassificar os dialetos portugueses (os chamados Inquéritos Linguísticos Boléo, abreviados para I.L.B.)¹. Acrescentámos então ao *corpus* mais 16 localidades em que deparámos com o fenómeno de interesse, chegando ao número total de 87 localidades em que o fenómeno foi estudado².

2. Contextos da ocorrência da troca da vogal temática

A palatalização da vogal temática A em E representa um fenómeno bastante antigo, captado e descrito já pelos primeiros dialetólogos portugueses³. Sempre é concebido como um fenómeno bastante amplo que não se restringe apenas aos verbos; pelo contrário, deparamos com ele em vários contextos linguísticos e em várias classes de palavras.

Em alguns casos, trata-se de ocorrências aleatórias, sem nenhum condicionamento, seja fonético (influência da vogal ou consoante na sílaba pretónica ou postónica), seja morfológico (tentativa de diferenciar ou assimilar palavras). Assim, para exemplificar, deparamos com variantes como [bu'reku] para BURACO ou [bəkɐ'λew] para BACALHAU, que, segundo Lindley Cintra, podemos encontrar espalhadas por todo o território português (Cintra 1983: 132–133), enquanto Manuel de Paiva Boléo localiza o fenómeno apenas na região central do Minho e na zona de Baixo Alentejo e Algarve, que, de qualquer maneira, representam duas zonas bastante distanciadas uma da outra (Boléo 1962: 95). É então preciso notar que, quanto mais o fenómeno é aleatório, tanto mais impossível se afigura delimitar as suas fronteiras diatópicas, o que leva a que o fenómeno se torne bastante geral.

Por outro lado, há outros casos de ocorrência em que podemos notar uma forte motivação do contexto fonético, o que faz com que esta troca seja geralmente percebida como um fenómeno de carácter puramente fonético. Além de outros contextos, faz parte do processo de harmonização vocálica, um processo típico dos dialetos portugueses, especialmente na zona de Beira Baixa e Alto Alentejo ou na ilha Terceira, nos Açores⁴. Neste processo, a vogal A na sílaba tónica palataliza para a vogal E sob influência da sílaba pretónica na qual haja sons palatais, ou seja, a vogal E, a vogal ou semivogal I ou o ditongo EI. Palavras como CEIFAR realizam-se, então, como [sə'feri], tal como podemos ver na *Gramática da Língua Portuguesa*, de Pilar Vásquez Cuesta (Cuesta 1989: 62).

1 Tanto as teses dialetais como os Inquéritos Linguísticos Boléo são, na maioria dos casos, inéditos.

2 A outra fonte possível de dados, os inquéritos realizados por Lindley Cintra, não foi incluída na nossa análise devido ao facto de que os dados morfológicos são nela escassos e são captados de maneira bastante aleatória.

3 Veja-se, por exemplo, a tese de doutoramento *Esquisse d'une Dialectologie Portugaise* de José Leite de Vasconcelos (Vasconcelos 1987: 78).

4 Entre muitos outros que comentam o fenómeno, veja-se, por exemplo, o artigo *Variação linguística: perspectiva dialectológica* in *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*, organizada por Isabel Hub Faria et al. (Ferreira et al. 1996: 496).



Outro contexto comum que condiciona a ocorrência da troca é a presença da vogal ou consoante nasal na sílaba postónica. Este fenómeno, mencionado já por Vasconcelos (Vasconcelos 1987: 78) mas pormenorizadamente descrito por Boléo (Boléo 1962: 97), é pelo dialetólogo coimbrão considerado um dos traços caraterísticos do dialeto transmontano. Nele, palavras como PESTANA realizam-se como [pə'ʃtɛnɐ] e MONTANHA como [mõ'tɛɲɐ]. Assim, como podemos ver, uma vez que há algum condicionamento fonético, a alteração da vogal temática A para E torna-se um fenómeno bastante mais bem delimitável e prototípico de regiões muito mais restritas.

3. Troca da vogal temática nos verbos e a sua distribuição geográfica

Passando para as alterações vocálicas no caso de verbos, é preciso salientar que a troca da vogal temática A para E não é a única alteração vocálica neles ocorrente. Aparecem bastantes outras alterações, atingindo a maioria delas precisamente a vogal temática, indiferentemente de se tratar da vogal A, E ou I. No entanto, estas outras alterações são geralmente muito sistemáticas e a mudança da vogal temática realiza-se, portanto, em todo o paradigma da conjugação verbal. Devido a isso, o papel desta alteração no paradigma flexional é antes de mais regularizador e o seu objetivo é unificar todo o paradigma verbal. Esta tendência unificadora está bem documentada por exemplo na zona raiana de Trás-os-Montes em que no caso da 2.ª conjugação todas as vogais temáticas E no pretérito perfeito simples do indicativo passam para I, analogicamente com a 1.ª ps. sg., ou seja como resultado recebemos as formas COMI, COMISTE, COMIU, COMIMOS, COMISTES, COMIRAM⁵.

Deste ponto de vista, a palatalização da vogal temática A em E da 1.ª ps. pl. dos dois tempos básicos e mais usados na fala, ou seja o presente do indicativo e o pretérito perfeito simples do indicativo, representa uma exceção, precisamente porque afeta antes de mais apenas a 1.ª ps. pl. e, como tal, o seu objetivo com certeza não é, ao contrário das outras alterações, regularizador. A motivação para alterações particularmente nesta pessoa verbal parece lógica, dado que a 1.ª ps. pl. do presente do indicativo ou pretérito perfeito simples do indicativo representam formas verbais bastante problemáticas já na própria norma padrão. As formas verbais neste caso são graficamente idênticas⁶ e foneticamente diferem apenas no grau de abertura da vogal temática, quando no presente do indicativo deparamos com A semifechado enquanto no pretérito perfeito simples do indicativo temos A aberto, tendo assim o grau de abertura da vogal valor distintivo mas sendo, ao mesmo tempo, facilmente confundível e causando problemas aos falantes.

5 Exemplo encontrado na tese dialetal *Os falares fronteiriços de Trás-os-Montes* (Santos 1967: 243–244). Segundo a autora é um fenómeno típico para a fronteira com o Leão, tal como são todas as trocas ocorrentes na vogal temática. No entanto, para C. de Azevedo Maia é um fenómeno próprio não apenas a todo o Norte de Portugal, mas também ao aragonês e leonês, demonstrando-se assim as afinidades entre o português setentrional e estes dois falares que refletem a sua evolução comum (Maia 1964: 276).

6 Especialmente quando levamos em consideração o novo Acordo Ortográfico devido ao qual o acento agudo que se costumava escrever em cima da vogal temática no pretérito perfeito simples do indicativo passou a ser facultativo e na variante europeia é apenas aconselhável. No nosso texto usamos, no entanto, a grafia segundo a norma ortográfica antiga para facilitar a diferenciação entre a 1.ª ps. pl. do presente do indicativo e do pretérito perfeito simples do indicativo.

Esta proximidade de realização fonética incentiva deste modo, logicamente, muitas irregularidades e desvios na sua pronúncia, aparecendo duas tendências – uma de unificar as duas formas, a outra de diferenciá-las de maneira mais significativa. Exemplificando a primeira tendência, podemos deparar com o fechamento da vogal temática dos verbos da 1.ª conjugação até no pretérito perfeito simples do indicativo, quando a terminação *ÁMOS* se realiza como [ɐmuʃ] e há assim uma fusão entre a 1.ª ps. pl. no pretérito perfeito simples do indicativo e a 1.ª ps. pl. no presente do indicativo, tal como se pode ver nos exemplos da zona de Trás-os-Montes, onde *FALÁMOS* e *FALAMOS* se realizam da mesma maneira, quer dizer, como [fɐ'lamuʃ]⁷. No entanto, tal como confirma Vasconcelos, podemos deparar também com o processo contrário, quando se abre a pronúncia da vogal temática no presente do indicativo e as duas formas verbais, *FALÁMOS* e *FALAMOS*, realizam-se como [fɐ'lamuʃ]⁸.

A mudança da vogal temática A para E representa, pelo contrário, o exemplo mais notável da segunda tendência de como eliminar a demasiada proximidade destas duas formas verbais, isto é, da tendência diferenciadora. No caso da 1.ª ps. pl. trata-se da alteração mais frequente e também mais bem descrita pelos linguistas. É mencionada já no século XVIII por João de Moraes Madureira Feijó na sua obra *Orthographia ou Arte de Escrever, pronunciar com acerto a lingua Portuguesa*, publicada pela primeira vez em 1734, o que comprova que é um fenómeno relativamente antigo (Feijó 1818: 144). Além desta obra, a troca da vogal temática nos verbos comenta-se também nas obras de José Leite de Vasconcelos, que, na sua tese de doutoramento publicada em 1901, menciona a existência desta troca tanto no presente do indicativo como no pretérito perfeito simples, sendo a sua ocorrência verificável apenas no norte e centro de Portugal (Vasconcelos 1987: 112); já nas suas obras posteriores, como, por exemplo, no texto *Dialectos alemtejanos*, considera o fenómeno da troca típico apenas do presente do indicativo, mas já espalhado por todo o território português (Vasconcelos 1929: 43).

Tentando confirmar os pressupostos de Vasconcelos sobre a distribuição geográfica deste fenómeno, aproveitámos os exemplos encontrados nas teses dialetais e relatórios sobre os I.L.B. e verificámos a ocorrência do fenómeno tanto no presente do indicativo como no pretérito perfeito simples do indicativo. Surpreendentemente, os resultados obtidos em maior ou menor grau correspondem àquilo que Vasconcelos pressupôs nas suas obras do início do século XX. É de notar que até hoje devemos diferenciar entre a ocorrência do fenómeno no presente do indicativo e a ocorrência no pretérito perfeito simples do indicativo. Das 87 localidades estudadas, deparamos com 32 ocorrências da alteração no presente do indicativo, o que significa que o fenómeno aparece aproximadamente em um terço das localidades abrangidas na pesquisa, enquanto no caso do pretérito perfeito simples nos apercebemos apenas de 9 ocorrências, o que torna evidente que a alteração no pretérito perfeito simples do indicativo surgiu mais tarde e muito provavelmente só como analogia com a alteração já ocorrente no presente do indicativo. A alternância no presente do indicativo continua a ser assim a mais frequente, o que se reflete na sua distribuição geográfica, que também confirma os pressupostos de Vasconcelos. Enquanto a troca da vogal temática no presente do indicativo se encontra praticamente por todo

7 Exemplos encontrados não apenas na zona fronteiriça de Trás-os-Montes (Santos 1967: 243), mas também na aldeia de Faia, na região do Douro oriental (Moura 1960: 146). Vasconcelos depara com a presença deste fenómeno “dans une grande partie du pays, au Nord, aussi bien qu’au Sud” (Vasconcelos 1987: 111).

8 Fenómeno próprio, segundo Vasconcelos, ao Minho (Vasconcelos 1987:112).



o território de Portugal continental, atingindo tanto o extremo sul (Algarve) como o extremo norte (Trás-os-Montes e Minho); a alternância no pretérito perfeito simples do indicativo é mais própria apenas do Norte e a zona da raia, no centro de Portugal (nas Beiras).

Quanto à coocorrência da troca nos dois tempos, é importante destacar que as alternâncias da vogal temática nem sempre ocorrem em ambos os tempos nas mesmas localidades. Pelo contrário, é muito mais frequente que coocorrem apenas raramente. Em concreto, das 41 localidades em que existe o fenómeno da troca, deparamos com apenas três localidades em que a troca aparece em simultâneo, encontrando-se todas mais ou menos na zona da raia, no centro de Portugal. Este resultado pode levar à hipótese que na maioria das localidades no presente e no pretérito perfeito simples do indicativo a troca adquire um verdadeiro papel diferenciador.

4. Motivação para o surgimento do fenómeno

A escassa coocorrência nos dois tempos leva-nos ao próprio carácter do fenómeno e à questão de esta alteração fonética poder ter algum impacto no nível morfológico. Existem várias teorias que tentam explicar o surgimento do fenómeno, porém, aquela que se baseia na sua interligação com o nível morfológico, é, talvez curiosamente, a menos defendida.

4.1. Motivação por analogia

A mais popular e espalhada entre as teorias é a que explica o fenómeno por analogias. Vasconcelos considera a troca da vogal A por E como típica de todo o complexo galego-português e, na opinião dele, o seu surgimento no presente do indicativo deve-se à analogia com a forma verbal TEMOS (Vasconcelos 1987: 111). Como o verbo TER é um dos mais frequentes na língua falada, sendo usado como verbo auxiliar em tempos compostos e aparecendo em várias perífrases verbais, esta analogia é bem justificável.

No caso da sua ocorrência no pretérito perfeito simples do indicativo, Vasconcelos fala sobre a analogia com a 1.ª ps. sg. do mesmo tempo, que termina em EI; assim, sob a influência da vogal E nesta pessoa aparece a vogal E também na mesma pessoa do plural (Vasconcelos 1987: 112). Esta ideia é depois compartilhada também por José Joaquim Nunes no seu *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa* (Nunes 1989: 307–308). Do nosso ponto de vista, sendo a 1.ª ps. sg. sempre a mais influente em todos os tempos verbais e servindo até no presente do indicativo como a base para a formação de outros tempos, a teoria de analogia com esta pessoa parece credível. No entanto, como as analogias tendem sistematizar as irregularidades (ou aparentes irregularidades), seria muito mais lógico a vogal temática E aparecer em todas as pessoas e não apenas na 1.ª ps. sg. e pl., tal como aconteceu, por exemplo, na zona de Trás-os-Montes quando na 2.ª conjugação a vogal temática E foi substituída pela vogal I, própria da 1.ª ps. sg. (ou seja, COMI, COMISTE etc.)⁹ ou como foi verificado na localidade Escusa quando a vogal temática A em todas as pessoas do pretérito perfeito simples do indicativo, pretérito mais que perfeito do

9 Veja-se o capítulo 3.

indicativo, imperfeito do conjuntivo e futuro do conjuntivo, passa para E, provavelmente por analogia com a desinência da 1.ª pessoa singular (Baptista 1967: 104). No que respeita à troca da vogal A por E, só raramente, porém, tal é o caso, pelo que consideramos como muito mais provável a explicação da troca no pretérito perfeito simples do indicativo como analogia com a mesma troca ocorrente no presente do indicativo.

Além das analogias defendidas por Vasconcelos há também outras, como, por exemplo a hipótese da Luisa Segura Cruz¹⁰ ou Maria Margarida Gama de Oliveira¹¹ que supõem que se tratará de uma analogia com a 2.ª e a 3.ª conjugação, uma vez que a vogal E representa a vogal dominante nestas duas conjugações, especialmente no presente do indicativo (Cruz 1969: 113 ou Oliveira 1966: 118). A nosso ver, não será plausível que constitua uma analogia com a 2.ª conjugação, já que tanto a 2.ª como a 3.ª conjugação são as menos frequentes, enquanto a 1.ª conjugação é geralmente percebida como dominante e mais influente. Portanto, é muito mais frequente nos dialetos os verbos da 2.ª e 3.ª conjugação assumirem a desinência da 1.ª conjugação do que o contrário e é assim pouco provável que as formas verbais se adaptem a alguma variante menos frequente na língua¹².

4.2. Fenómeno fonético

Outras teorias descrevem o fenómeno da troca como sendo de carácter puramente fonético. Entre outros, Joana Lopes Alves¹³ deduz que as trocas são motivadas e condicionadas pelo contexto fonético de verbos individuais, que pode variar muito, pelo que esta alteração carecerá por completo de sistematicidade. Baseia a sua teoria na realização da terminação da 1.ª ps. pl. do pretérito perfeito simples do indicativo na zona da Ericeira, onde esta desinência pode ser tanto velarizada (ou seja, realizada com O semiaberto [ɔmuʃ]) como palatalizada (isto é, realizada com E semifechado [ɛmuʃ]), mas nos mesmos verbos pode aparecer até a forma [ɐmuʃ], em que a vogal A é semifechada. Assim, por exemplo, a forma verbal CHEGAMOS pode ser realizada como [ʃi'ɾɔmuʃ] ou [ʃi'ɾɛmuʃ] ou [ʃi'ɾɐmuʃ] (Alves 1993: 183), concluindo-se, pois, que não é nem o contexto fonético do verbo em questão a ter qualquer influência na escolha da desinência, uma vez que as três variantes vocálicas aparecem aleatoriamente no mesmo verbo.

A teoria sobre o carácter puramente fonético deste fenómeno tem, na nossa opinião, o seu fundamento. O que a fomenta, antes de mais, é a multiplicidade de trocas da vogal temática em vários tempos, conjugações e até pessoas verbais com a qual deparamos nas variedades diatópicas de português e que, na maioria dos casos, é realmente aleatória.

Para exemplificar como é amplo e pouco sistemático o fenómeno em todas as conjugações, podemos mencionar a zona de Trás-os-Montes, onde aparece a alteração da vogal temática

10 Autora da tese sobre a zona de Odeleite, na província do Algarve, e hoje em dia linguista no Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.

11 Autora da tese sobre a aldeia de Malhada Velha, na província da Beira Baixa.

12 O que, porém, nem sempre foi o caso durante a evolução da língua portuguesa. Note-se, por exemplo, a substituição dos participios passados da 2.ª conjugação pelos da 3.ª conjugação, apesar de serem os verbos da 2.ª conjugação mais frequentes.

13 Autora da tese sobre a zona da Ericeira, no concelho de Mafra.



A do pretérito perfeito simples do indicativo para a vogal E, mas onde, simultaneamente, pode ocorrer também o fechamento deste A aberto do pretérito perfeito simples do indicativo para A semifechado. Ainda por cima, provavelmente sob influência desta confusão na realização da vogal temática dos verbos da 1.ª conjugação, na mesma zona existe também uma alteração de vogais temáticas I e E do mesmo tempo para A semifechado nos verbos da 2.ª e 3.ª conjugação. Resumindo: segundo Santos (Santos 1967: 243–244) acabamos por obter as seguintes variantes:

chegámos → [ʃə'xemuʃ] ou [ʃə'xɐmuʃ]

comemos → [ku'mɐmuʃ]

partimos → [pɐr'tɐmuʃ]

Uma vez que o mesmo falante pode aplicar uma qualquer destas terminações, inclusive as terminações normativas, é quase impossível justificar a sua escolha por outra motivação senão a fonética, que, quando muito, mostra a tendência de unificar todas as conjugações através de A semifechado.

O que reforça a teoria sobre o carácter puramente fonético desta alteração ainda mais é a sua ocorrência em outros tempos verbais e não apenas nos dois mencionados. Com a troca da vogal temática A por E deparamos bastantes vezes também no pretérito mais-que-perfeito simples do indicativo, no imperfeito do conjuntivo ou até no futuro do conjuntivo. Podemos assim ver realizações de ANDÁRAMOS como ANDÉRIMES, ANDÁSSEMOS como ANDÉSSIMES e ANDARMOS como ANDERMES¹⁴.

Além disso, mais um fator que contribui para a caracterização do fenómeno como fenómeno fonético é o facto de não ser apenas a 1.ª ps. pl. que sofre esta alteração, mas também, de vez em quando, a 2.ª ps. pl.¹⁵ e a 3.ª ps. pl. Em algumas localidades encontramos, assim, a realização CANTEIS para a forma normativa CANTAIS¹⁶, ou ADAPTEM para a forma normativa ADAPTAM¹⁷, o que mais uma vez confirma a teoria de que a ocorrência da troca é bastante corrente e demasiado assistemática para podermos atribuir-lhe algum valor a nível de morfologia.

4.3. Fenómeno morfológico

Apesar de os argumentos acima resumidos favorecerem a explicação fonética do fenómeno, é de considerar também uma terceira possibilidade, a de se tratar de um fenómeno motivado morfológicamente, procurando provar-se se, eventualmente, a ocorrência do fenómeno não consistirá afinal numa tentativa de diferenciar a 1.ª ps. pl. no presente do indicativo da do preté-

14 Exemplos encontrados por exemplo na localidade de Escusa, na zona raiana no Alto Alentejo (Baptista 1967: 104).

15 Uma vez que a ocorrência desta pessoa é até nas formas diatópicas do português bastante rara, é difícil encontrar suficientes exemplos para provar se a ocorrência do fenómeno nesta pessoa é frequente ou escassa e se ocorre sempre nas mesmas localidades como a troca na 1.ª ps. pl.

16 Exemplo da localidade Vilarinho de Samardã, no concelho de Vila Real, no norte de Portugal (Vilela 1966: 112).

17 Fenómeno bastante frequente no Sul de Portugal, confirmado por exemplo nas localidades de Odeleite, Monte Gordo ou Olhão. Este exemplo foi encontrado em Lagos (Carrancho 1969: 174).

rito perfeito simples do indicativo. Como já foi aludido, as duas pessoas são muito semelhantes, sendo diferenciadas só pelo grau de abertura da vogal temática A, assim a alteração duma das vogais problemáticas para E seria uma solução lógica para evitar a demasiada proximidade das duas formas modotemporais.

O que parece apontar para o valor de traço distintivo morfológico da troca da vogal A por E é o próprio facto de esta alteração, no caso da flexão verbal, ocorrer, predominantemente, na 1.ª ps. pl. e não nas restantes pessoas. Se fosse só um fenómeno fonético de palatalização que atingisse o fonema A na posição tónica, ocorreria depois, simultaneamente, em todas as pessoas do paradigma flexional e em todos os tempos em que esta vogal aparecesse na posição tónica, o que não é o caso.

Outro fator que contribui para esta explicação morfológica é o facto de que, segundo os resultados obtidos das teses dialetais, só em 3 zonas há coincidência da troca da vogal A por E, simultaneamente no presente do indicativo e no pretérito perfeito simples do indicativo (ou seja, nos dois tempos deparamos com a desinência –EMOS), enquanto nas restantes 38 localidades a troca se realizou ou apenas no presente ou apenas no pretérito perfeito simples. Assim a coocorrência é mínima e quase prescindível, o que mostra que na maioria dos casos a troca pode ser percebida como fenómeno suscetível de diferenciar foneticamente os dois tempos, tendo, como tal, algum valor distintivo, mesmo que meramente secundário.

Porém, tendo aplicado a troca da vogal temática com o objetivo de diferenciar o presente do indicativo do pretérito perfeito simples do indicativo, começamos a enfrentar outro problema do mesmo género. Ao resolver a similitude entre o presente do indicativo e o pretérito perfeito simples, criámos uma nova confusão entre as formas modotemporais, desta vez entre o presente do indicativo (ou pretérito perfeito simples do indicativo, dependendo de onde realizámos a alteração de A para E) e o presente do conjuntivo, cuja desinência normativa da 1.ª ps. pl. da 1.ª conjugação é a vogal E. Assim, a forma verbal FALEMOS pode agora corresponder tanto à 1.ª ps. pl. do presente do indicativo ou do pretérito perfeito do indicativo como à 1.ª ps. pl. do presente do conjuntivo.

O que se revela de interesse é, no entanto, que esta hipotética confusão seja, na maioria dos casos, logo evitada, porque, mal numa zona ocorre a troca da vogal temática A em E, ocorrem também alterações na 1.ª ps. pl. do presente do conjuntivo que parecem ser incentivadas pelos processos realizados no presente do indicativo ou pretérito perfeito do indicativo e confirmam assim o pressuposto de complementaridade de alterações fonéticas e a sua interligação, com forte impacto a nível morfológico.

4.3.1. Troca ao contrário

As alterações provocadas na 1.ª ps. pl. do presente do conjuntivo pela troca da vogal temática nos outros tempos são várias. Uma das mais comuns é aquela que podemos designar por *troca ao contrário*. Trata-se de uma troca da terminação do presente do conjuntivo EMOS por AMOS, realizada com A aberto, que ocorre simultaneamente com a troca da terminação do pretérito perfeito simples do indicativo ÁMOS por EMOS, o que significa que no final temos a troca mútua entre os dois tempos e modos verbais. Enquanto a 1.ª ps. pl. do presente do conjuntivo



assume a desinência de pretérito perfeito simples do indicativo, a 1.ª ps. pl. do pretérito perfeito simples do indicativo assume a desinência do presente do conjuntivo. Assim, vimos a ter as seguintes realizações:

chegamos → [ʃə'gɐmuʃ]
 chegámos → [ʃə'gɛmuʃ]
 cheguemos → [ʃə'gamuʃ]¹⁸

Olhando para o resultado, não podemos dizer que tenhamos resolvido o problema da demasiada proximidade das realizações fonéticas destas três formas verbais, dado que sempre temos três fonemas relativamente próximos (A semifechado, A aberto e E semifechado), que apenas trocaram de tempos e modos que exprimem na norma padrão. Podemos, contudo, concluir que estas trocas se complementam. Isto significa que a troca da vogal A por E, dentro do paradigma flexional, não é percebida como um fenómeno isolado; devido a ela aplicou-se, propositadamente, a alteração fonética no presente do conjuntivo, e assim parece que os falantes se apercebem do impacto que as trocas fonéticas podem ter a nível morfológico, atribuindo, assim, à sua aplicação o papel diferenciador.

4.3.2. Recuo do acento

Além desta solução, encontramos uma outra, muito mais frequente. Juntamente com a troca da vogal A por E aparece também uma alteração fonética que, em consequência, ajuda a diferenciar os dois tempos. Trata-se do fenómeno de recuo do acento quando no presente do conjuntivo da 1.ª ps. pl. o acento passa da vogal temática para o radical. Deste modo, tomando como exemplo o verbo CHEGAR, uma vez que no presente do indicativo ou no pretérito perfeito do indicativo temos as formas CHEGUEMOS, pronunciadas [ʃə'gɛmuʃ], a forma do conjuntivo CHEGUEMOS, que segundo a norma padrão deve realizar-se como [ʃə'gɛmuʃ], pronuncia-se [ʃəgɛmuʃ], o que faz com que as duas formas verbais já não fiquem idênticas.

O fenómeno do recuo não é necessariamente motivado morfológicamente; pode-se tratar dum mero fenómeno fonético explicável como analogia com as três pessoas verbais do singular e a 3.ª ps. pl. cujo acento no presente do conjuntivo se encontra no radical¹⁹. No entanto, a distribuição geográfica deste fenómeno é de imenso interesse porque mostra que o recuo, espalhado do Norte ao Sul por todo o território de Portugal, geralmente coocorre com a troca de A por E. No caso de 32 ocorrências da troca da vogal no presente do indicativo, deparamos com 14 coocorrências deste fenómeno com o do recuo do acento, sendo elas espalhadas por todo o Portugal, do Sul até ao Norte, mas aparecendo tipicamente na zona central da Beira Alta. No caso de 9 ocorrências da troca da vogal temática no pretérito perfeito simples do indicativo, o resultado é talvez ainda mais significativo: deparamos com 5 coocorrências deste fenómeno

18 A troca ao contrário aparece frequentemente, por exemplo, na região de Trás-os-Montes (Santos 1967: 243–244).

19 Esta hipótese é apoiada pelo facto de que o fenómeno do recuo aparece de vez em quando até na 2.ª ps. pl. (se esta pessoa for usada em dada localidade) cujo acento na língua padrão cai, tal como no caso da 1.ª ps. pl., na desinência. Assim podemos deparar com formas como: SEJAIS (Oliveira 1966: 108), típicas para o Norte e Centro de Portugal.

com o do recuo do acento, antes de mais na zona da raia no norte e centro de Portugal, o que já corresponde a mais do que cinquenta por cento de todas as ocorrências. Além disso, é preciso destacar que não descobrimos nenhuma localidade onde existisse o recuo do acento e não se verificasse a troca da vogal temática, o que nos possibilita deduzir que estes dois fenómenos estão fortemente interligados e que o recuo representa um recurso fonético complementar para ajudar na diferenciação entre o presente do conjuntivo e o pretérito perfeito simples do indicativo ou o presente do indicativo, uma vez que agora dispõem da mesma terminação EMOS.

Para mostrar que a relação entre o fenómeno da troca de vogais e o recuo do acento pode ser até mais complexa e provar assim que pelo menos em algumas localidades se realiza uma verdadeira complementação mútua destas duas alterações, podemos acabar por mencionar os processos que encontrámos na aldeia de Faia²⁰ e no concelho de Mêda²¹, duas zonas vizinhas no nordeste da província Beira Interior. Nesta zona, todas as alterações da realização da 1.ª ps. pl. são desencadeadas quando a vogal aberta A na terminação do pretérito perfeito simples do indicativo fecha, passando a A semifechado, devido ao que deve, logicamente, confundir-se com a terminação do presente do indicativo. Porém, no A semifechado do presente do indicativo realiza-se entretanto a troca da vogal temática A por E, o que, como resultado, deve levar à fusão desta forma verbal com a do presente do conjuntivo. No entanto, nem esta fusão se realiza, porque no presente do conjuntivo ocorre entretanto o recuo do acento. Após estas três alterações fonéticas, à primeira vista acidentais mas no final bastante complexas, recebemos três formas verbais nada normativas mas de ponto de vista fonético perfeitamente diferenciadas:

Pretérito perfeito simples do indicativo: cantámos	→ [kẽ ^h tẽmuʃ]
Presente do indicativo: cantamos	→ [kẽ ^h tẽmuʃ]
Presente do conjuntivo: cantemos	→ [ˈkẽtẽmuʃ] ²²

Conclusões

Podemos então concluir que, se a explicação do fenómeno da troca da vogal temática como um fenómeno puramente fonético pareceu ter uma certa lógica, a explicação morfológica não a tem menos. Na nossa opinião, descobre-se suficiente justificação para podermos dizer que a ocorrência do fenómeno da troca da vogal A por E não é sempre aleatória e que até existe a sua forte complementaridade com outros fenómenos com objetivo diferenciador, como é o recuo do acento. Isto, no entanto, não implica que seja sempre aplicado com o objetivo diferenciador; de vez em quando aparece mesmo só como mera alternativa da pronúncia e portanto talvez seja melhor designá-lo por fenómeno de carácter morfológico, quer dizer como uma alteração fonética com impacto secundário a nível morfológico. De qualquer maneira, seja qual for a designação, regra geral podemos dizer que, mesmo que se trate apenas de um fenómeno fonético, quase sempre influi profundamente no paradigma flexional, podendo incentivar o surgimento de outras alterações fonéticas.

20 Uma aldeia no município de Sernancelhe e distrito de Viseu, que foi deslocada em 1965 devido à construção da Barragem do Vilar.

21 Um concelho na zona da Guarda.

22 Veja-se tanto Moura (Moura 1960: 146) como Carvalho (Carvalho 1974: 277–278).



Referências bibliográficas

- Alves, J. L. (1993). *Ericeira*. Lisboa: Universidade de Lisboa.
- Baptista, C. S. C. (1967). *O falar de Escusa*. Tese de doutoramento. Lisboa: Universidade de Lisboa.
- Boléo, M. P., & Silva, M. H. S. (1962). *O Mapa dos dialectos e falares de Portugal continental*. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos.
- Carrancho, M. L. S. S. (1969). *A Linguagem dos Pescadores de Lagos*. Tese de doutoramento. Lisboa: Universidade de Lisboa.
- Carvalho, M. F. A. S. (1974). *Linguagem e folclore do concelho de Mêda (Distrito da Guarda). Algumas notas sobre a linguagem da mulher*. Tese de doutoramento. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- Cintra, L. F. L. (1983). *Estudos de Dialectologia Portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa Editora.
- Cruz, M. L. S. (1969). *O falar de Odeleite*. Tese de doutoramento. Lisboa: Universidade de Lisboa.
- Cuesta, P. V., & Luz, M. A. M. (1989). *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Edições 70.
- Feijó, J. M. M. (1818). *Orthographia, ou arte de escrever, e pronunciar com acerto a lingua portugueza*. Lisboa: Typographia Lacerdina.
- Ferreira, M. B., Carrilho, E., Lobo, M., Saramago, J., & Cruz, L. S. (1996). Variação linguística: perspectiva dialectológica. In I. H. Faria, E. R. Pedro, I. Duarte, & C. A. M. Gouveia (Eds.), *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa* (pp. 479–502). Lisboa: Caminho.
- Maia, C. A. (1964). *Os falares fronteiriços do concelho de Sabugal e da vizinha região de Xalma e Alamedilla*. Tese de doutoramento. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- Moura, C. S. P. (1960). *Faia, aldeia de concelho de Sernancelhe. Etnografia, Linguagem e Folclore*. Tese de doutoramento. Lisboa: Universidade de Lisboa.
- Nunes, J. J. (1989). *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa*. Lisboa: Clássica Editora.
- Oliveira, M. M. G. (1966). *Malhada Velha (concelho Penela)*. Tese de doutoramento. Lisboa: Universidade de Lisboa.
- Santos, M. J. M. (1967). *Os falares fronteiriços de Trás-os-Montes*. Tese de doutoramento. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- Vasconcelos, J. L. (1929). Dialectos alemtejanos. *Revista Lusitana*, IV, 13–77.
- . (1987). *Esquisse d'une Dialectologie Portugaise*. Lisboa: CLUL/INIC.
- Vilela, M. A. Q. (1966). *Vilarinho da Samardã (Vila Real)*. Inquérito Linguístico Boléo inédito. Coimbra.